

CORREIO NO MUNDO

Office of the Governor/ South Dakota



Noem ainda conta com prestígio de Donald Trump

Chefe de Segurança Interna dos EUA resiste a crise do ICE

À frente do Departamento de Segurança Interna (DHS), Kristi Noem mantém o estilo que agrada a Donald Trump. No governo, o que a credenciou não foi apenas a estética conhecida como “Mar-a-Lago face” - marca registrada das republicanas do governo, com lábios preenchidos, cabelos milimetricamente ondulados e maquiagem pesada -, mas sua lealdade incondicional ao presidente. Depois das mortes de dois americanos em ações truculentas de agentes de imigração que ela chefiava, Noem foi apontada como alguém “andando na corda bamba”, com altas chances de perder o cargo. Nada aconteceu. Para especialistas, a fidelidade de Noem ao presidente foi determinante para mantê-la no cargo.

Lealdade a Donald Trump

“Trump gosta do estilo dela em geral e ela é uma apoiadora leal. Ele gosta de manter seus aliados unidos”, afirma Robert Shapiro, professor da Universidade Columbia. Surgiram, porém, sinais de tensão. Após a morte de Alex Pretti, em Minneapolis, Noem disse que o enfermeiro morto a tiros por agentes de fronteira era um terrorista e que havia feito ameaças. A declaração, contudo, foi desmentida por vídeos da cena que mostravam Pretti apenas filmando os agentes.

Tia Dufour/ United States Department of Homeland Security



Kristi Noem é chamada pela imprensa de “Barbie do ICE”

Relação entre as partes se desgasta

Trump também mostrou sinais de desgaste: se reuniu com Noem, demitiu o comandante responsável pela operação especial em Minnesota e, durante uma reunião ministerial, não citou Noem nem pediu sua palavra - algo incomum, dado que ela lidera uma das pastas mais importantes do governo, com grande protagonismo em ações contra imigrantes em situação irregular. Noem ajustou o discurso e disse que, no dia da morte de Pretti, agiu com base nas informações disponíveis para esclarecer o episódio à população. Também anunciou adoção de câmeras corporais nos agentes.

Desafios continuam

Embora a crise com Trump pareça superada, os desafios continuam. Entre crises, recuos táticos e ajustes de rota, Noem segue operando no limite entre o espetáculo e o desgaste, sustentada por uma imagem cuidadosamente construída e por uma lealdade que, ao menos por enquanto, parece valer mais do que as controvérsias que a cercam.

Por Isabella Menon (Folhapress)

Ex-príncipe Andrew

O governo do primeiro-ministro Keir Starmer concordou em divulgar documentos relacionados à nomeação do ex-príncipe Andrew como enviado comercial do Reino Unido, em 2001. A medida ocorre em meio ao crescente escrutínio sobre os laços do irmão mais novo do rei Charles 3º com o criminoso sexual Jeffrey Epstein.

Questionamento

A prisão de Andrew levou alguns parlamentares a questionarem abertamente, durante debate nesta terça na Câmara dos Comuns, se não seria hora de acabar com a convenção que os impede de criticar a família real. Andrew se tornou o primeiro membro da família real britânica a ser preso em mais de três séculos.

Fim de privilégio

Ao menos quatro políticos afirmaram que a proteção à família real no Parlamento deveria acabar. “Essas regras arcaicas ridicularizam nossa democracia”, disse Brendan O’Hara, membro do Partido Nacional Escocês no Parlamento. “Ninguém, independentemente de posição ou privilégio, deve estar acima da lei.”

Cuba abate lancha

O Ministério do Interior de Cuba disse na quarta (25) ter matado quatro pessoas e ferido outras seis que estavam em uma lancha registrada nos EUA que teria atacado a guarda costeira cubana. Segundo o regime em Havana, quando os militares abordaram a embarcação foram recebidos a tiros. O capitão do barco cubano foi atingido.

Não divulgados

O capitão foi retirado do local para tratamento, assim como os seis ocupantes da lancha americana que ficaram feridos no tiroteio. A pasta não divulgou informações sobre a identidade dos mortos e feridos, a não ser para dizer que são estrangeiros, nem sobre o que o barco registrado na Flórida fazia em águas territoriais cubanas.

Emissão de nota

Segundo o regime, a lancha invadiu o território do país na manhã de quarta a uma milha náutica de Cayo Falcones. “Face os desafios que enfrenta, Cuba reafirma seu comprometimento em proteger seu território, baseado no princípio de defesa nacional como pilar fundamental da soberania do Estado cubano”, disse o ministério.



Israel vetou a presença do Médicos Sem Fronteiras em Rafah

ONGs apelam ao Supremo de Israel para atuarem

Organizações visam manter operações na Faixa de Gaza

Dezenas de grupos humanitários afirmaram ter apresentado uma petição ao Supremo Tribunal de Israel para que lhes seja permitido continuar a operar na Faixa de Gaza, alertando para as graves consequências que poderão advir das novas regras que os obrigam a revelar os nomes dos seus funcionários, o que forçaria o encerramento das suas atividades.

Todas as 37 organizações internacionais, incluindo a instituição Médicos Sem Fronteiras e o Conselho Norueguês para Refugiados, teriam que encerrar suas operações em poucos dias depois que Israel ordenou, no final de dezembro, que parassem de trabalhar em Gaza e na Cisjordânia ocupada dentro de 60 dias, a menos que cumprissem novas regras, incluindo o fornecimento de detalhes sobre seus funcionários.

Os grupos de ajuda humanitária afirmam que compartilhar essas informações pode representar risco à segurança. Centenas de trabalhadores humanitários foram mortos ou feridos durante a guerra em Gaza.

Israel afirmou anteriormente que os registros tinham como objetivo evitar o desvio de ajuda por grupos armados palestinos. As agências de ajuda humanitária contestam que tenha havido um desvio substancial de ajuda. O governo israelense não respondeu ao pedido de comentário da Reuters.

A Associação de Agências de Desenvolvimento Internacional e outras 17 ONGs entraram com uma petição conjunta no Supremo

Tribunal de Justiça de Israel no domingo, buscando a suspensão urgente da decisão e alertando para as consequências humanitárias devastadoras se não puderem operar.

A petição pede que o governo israelense remova a exigência de que as organizações humanitárias revelem os nomes dos funcionários e permita que as ONGs que tiveram seus registros suspensos continuem operando nesse interim, disse Yotam Ben-Hillel, advogado israelense que apresentou o recurso. Algumas das 37 organizações que receberam ordem de fechamento operam serviços especializados, como hospitais de campanha, afirmam autoridades.

Um órgão de coordenação liderado pela ONU alertou que as organizações que ainda têm permissão para operar podem atender apenas a uma fração da resposta humanitária necessária na devastada Faixa de Gaza, onde a falta de moradia e a fome continuam generalizadas.

Anne-Claire Yaesh, da ONG Humanity and Inclusion, disse que seus funcionários estrangeiros, que deveriam fornecer educação sobre os riscos de munições não detonadas, tiveram que deixar Gaza na semana passada e que não podem contratar novos funcionários porque o grupo teve seu registro suspenso. Ministros das Relações Exteriores do Brasil, França, Espanha, Turquia e outros países condenaram as decisões israelenses que, segundo eles, introduzem extensões abrangentes ao controle ilegal de Israel sobre a Cisjordânia.